

ANC

ANC X

Para Sarney, Carta consagra o Estado de Direito no país

Reprodução



O presidente Sarney, durante pronunciamento na televisão, ontem; ele disse que será "o maior servidor" da Carta

"Eu a convoquei. Serei o primeiro a jurá-la"

Esta é a íntegra do pronunciamento do presidente José Sarney, em cadeia nacional de rádio e televisão.

Brasileiras e Brasileiros, boa noite. Amanhã é uma data histórica para nosso país. Será promulgada a nova Constituição brasileira. E a consagração do Estado de Direito, implantado com antecedência desde 1985, no meu Governo. Compromisso de todos nós com o Brasil. Estado de direito das leis e não dos homens, nem da força, na velha e clássica definição. Compromisso que honrei. Convoquei a Constituinte, dei-lhe plenas condições de trabalhar em paz e liberdade. Foi a Constituinte mais livre do Brasil, sem peias e sem interferências. Dediquei-me com todas as forças na garantia do processo de transição. A Constituição nasce com o país em paz. Sem prontidão militar, repressão ou sombras institucionais. As instituições consolidaram-se. Nós cumprimos um longo caminho. Caminho tão seguro e rápido que muitos não tomaram conhecimento de sua grandeza e profundidade.

Vamos recordar: restabelecimento das eleições diretas, livres e com sufrágio universal em todos os níveis e em todo o País. Legalização dos partidos clandestinos. Acabamos com a segregação ideológica e a discriminação. Liberdade dos sindicatos. Restabelecimento da independência e prerrogativa do Poder Legislativo e do Poder Judiciário. Suspensão de todas as intervenções nas organizações sindicais. Fortalecimento da Federação e efetiva autonomia política dos Estados e municípios. Reforma da legislação eleitoral, facilitando a criação de novos partidos, democratizando a militância política. Acesso dos candidatos e partidos ao rádio e televisão. Eleições para as capitais e municípios de segurança nacional, em novembro de 85. Eleições para deputados, senadores, governadores, Assembleias Legislativas em novembro de 86. E agora estamos em plena campanha, com absoluta liberdade e tranquilidade para as eleições municipais em todo o Brasil. Assinei da convenção contra a tortura e penas cruéis nas Nações Unidas e tantas medidas democráticas, que fizeram o país voltar à normalidade institucional. Tive tolerância, paciência, humildade. Não pregui a democracia. Pratiquei com meu exemplo. Minha missão maior: sempre acreditei que era a transição democrática, mas não me limitei a esse ângulo apenas. Enfrentei os problemas do país, esforcei-me, lutei, sofri, herdei a maior dívida do mundo, todos sabem. Um país em recessão, com alta taxa de desemprego, salários baixos e com grandes perdas acumuladas. Herdei um ministério, para debelar a inflação, que é o grande mal que não é só nosso, é do mundo inteiro, penaliza e destrói os mais pobres, os assalariados, eu tentei várias vezes medidas buscando acertar. Orvi economistas — os maiores do país. Tomei as medidas mais duras. Tive lutas com o setor internacional. E tivemos êxitos e tivemos fracassos.

Porque implantou-se no país, e eu considero que, orquestradamente, a disseminação do pessimismo, a filosofia do tudo está perdido, a filosofia do desânimo. Para ajudar o Brasil. Isso ajuda o Brasil? Não acredito.

Acredito que ela tenha a intenção e teve a intenção, ao ser divulgada, da mudança do poder. O poder pelo poder. Espalhou-se que só um mandato de quatro anos resolveria o problema. Resisti. Não por mim, mas pelo Brasil.

Eu sabia, e sei, que se permitíssemos que as coisas tomassem esse caminho, o processo democrático estaria gravemente comprometido, a transição ameaçada.

Agora, quero dizer ao povo brasileiro que considero que a tempestade passou. Está passando. Estamos com a vitória ao alcance das nossas mãos. Mãos que devem estar unidas. Vejamos, a Constituição está feita. Chegamos ao fim do processo de transição. O Brasil está com índices de crescimento altos. Nestes 3 anos crescemos 30%. O maior crescimento da América Latina. E um dos maiores do mundo. A renda per capita subiu 12,4%.

Quando assumi, o tema era recuperar os salários em 4 anos. No segundo ano já tínhamos recuperado as perdas. O desemprego está em apenas 3,8%. As safras agrícolas são as maiores de nossa história.

— A nossa exportação vai chegar ao fim do ano a 33 bilhões de dólares.

— A nossa balança produz saldos comerciais de média 1,5 bilhões de dólares ao mês.

— Solucionamos os acordos da dívida externa.

— Nossa situação financeira internacional está regularizada.

— Estamos pagando menos em prazos maiores.

— Quando assumi, o salário mínimo em 15 de março de 85 era de 40 dólares e 23 centavos. Hoje é de 85 dólares. Sei que é pouco. Mas tenho feito a política do aumento real do salário mínimo, de modo a dobrá-lo durante o período do meu governo.

Olhei os mais pobres. Programas sociais alcançaram milhões de brasileiros, antes esquecidos.

Resta resolver um grave problema da inflação.

Mas eu acredito: Vamos vencê-la. Ninguém se engane! Vamos chegar ao fim do governo com a inflação domada. Deixarei o Brasil em ordem. As finanças restauradas, para que o meu sucessor não tenha que administrar os problemas dramáticos que tive. Saudemos assim a Constituição como um passo à frente da Nova Federação. Antes de ela existir, tomei todas as medidas institucionais, para que ela chegasse com o Brasil dentro da paz e da democracia e da liberdade que nós todos desfrutamos. Ela traz novas responsabilidades. Minhas e de todos. Da União, dos Estados e dos Municípios.

O Congresso será coparticipante do Governo. Teremos de governar juntos, assim determina a Constituição. Sempre defendi conquistas sociais. Divisão de responsabilida-

des é a linha mestra da nova Federação.

Os prefeitos são eleitos para resolver os problemas dos Municípios, os governadores para tratar dos problemas dos Estados e o Presidente com a função bem maior de tratar no conjunto dos problemas de todo o Brasil.

É fácil o prefeito dizer que o responsável é o governador, o governador dizer que é o Presidente. E o Presidente: a quem vai cobrar? A ninguém pode reclamar. Mas cada um de nós foi eleito para exercer as suas funções. Responsabilidade não se transfere.

A nova Constituição dá uma nova estrutura a estas responsabilidades. Está nascendo a nova Federação, do Governo Federal, do Estadual, do Municipal. Cada um com sua atribuição delimitada.

Brasileiras e Brasileiros, Exige-se que o Governo seja a salvação e o responsável por tudo.

Na Monarquia, era o Rei o guardião dos privilégios da nobreza.

Na República, alguns acham que o Presidente tem que ser o guardião das minorias privilegiadas.

É muito fácil dizer que o responsável por tudo é o Presidente.

Mas o Brasil caminha para resolver, encontrar soluções para seus graves problemas. O Brasil está no mundo.

E o que acontece com o mundo? Sempre administração de problemas.

Onde existe a falta de problemas? Onde existe o paraíso?

Onde?

Em todo lugar há problemas e aqui temos blemas.

Brasileiras e Brasileiros, Saudemos a Constituinte.

Os Constituintes que tiveram pertinácia e espírito público. O dr. Ulysses Guimarães, essa figura histórica, simbólica, respeitada e credora da admiração do povo brasileiro, pelo que fez, pela sua obstinação patriótica.

A Constituição não deve mais ser discutida. Eu a critiquei, sempre com espírito público, na fase de elaboração.

Amanhã ela será lei. Ela é história. Serei o seu maior servidor. Eu a convoquei. Serei o primeiro a jurá-la. Lutarei pelo seu êxito. E não tenho que dar a ninguém o direito de me censurar. Porque ninguém mais democrata neste país do que eu. Não ensinei democracia, devo, repito: pratiquei. Trouxe paz ao País. Dei tolerância, um estilo de conviver com a discordância. Dei humildade, compreensão, sacrifício, perdão, anistia. Eu dei o verdadeiro espírito cristão de saber conviver e respeitar ao próximo. Dei o melhor de minha vida.

E desejo que a Nova Constituição assegure ao Brasil anos de paz, de avanços, de prosperidade, de compreensão e senso do dever.

Estejamos pois, brasileiras e brasileiros, todos, unidos, deputados, senadores, governadores, prefeitos, vereadores, povo, Presidente, para torná-la o grande instrumento da Federação, da moderna democracia brasileira fundada nestes novos tempos.

Muito obrigado e boa noite.

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney disse ontem à noite que a nova Constituição, a ser promulgada hoje à tarde, representa o "fim do processo de transição" e a "consagração do Estado de Direito" no país. Em pronunciamento de 15 minutos em cadeia nacional de rádio e TV, Sarney procurou capitalizar para seu governo a responsabilidade pelos avanços institucionais inscritos na nova Carta. Atribuiu a implantação do Estado de Direito aos primeiros momentos de sua gestão, em 1985, e reafirmou que o Congresso constituinte foi convocado por ele. "Eu a convoquei (a Constituição). Serei o primeiro a jurá-la". Mas disse, em seguida, que não dará a ninguém o direito de censurá-lo.

Saudando o fim dos trabalhos constituintes, Sarney engrandeceu o papel desempenhado pelo deputado Ulysses Guimarães nos 20 meses de elaboração da Constituição. "Saudemos o dr. Ulysses Guimarães, essa figura histórica, simbólica, respeitada e credora da admiração do povo brasileiro, pelo que fez, pela sua obstinação patriótica".

Recordando as críticas que fez ao Congresso constituinte, "sempre com espírito público", o presidente da República afirmou que a Constituição não deve mais ser discutida. "Amanhã ela será lei. Ela é história."

Depois de considerar que o Congresso constituinte foi o mais livre da história do Brasil, Sarney afirmou que a nova Constituição "nasce com um país em paz". Recordou, com um dos indicadores da consolidação das instituições democráticas, o restabelecimento das eleições diretas, "livres e com sufrágio universal, em todos os níveis em todo o país".

Sarney apontou a existência de uma operação, orquestrada pelos disseminadores "do pessimismo, da

filosofia do tudo está perdido", para tirá-lo do poder. "Espalhou-se que só um mandato de quatro anos resolveria o problema. Resisti. Não por mim. Mas pelo Brasil".

Afirmando que "a tempestade já passou, está passando", Sarney apontou a inflação como o grande "mal, não só nosso, mas do mundo inteiro". Disse que herdou a maior dívida externa do mundo, um país em recessão, com alta taxa de desemprego e salários baixos. Para debelar a inflação, disse que ouviu "os maiores economistas do país", tomou as "medidas mais duras", com êxitos mas também fracassos. Prometeu chegar ao fim de seu

mandato com "a inflação domada" e "o Brasil em ordem".

Negando ser o responsável por "tudo" que acontece no país, Sarney disse que com a nova Constituição está nascendo a "nova Federação, do Governo Federal, do Estadual, do Municipal. Cada um com sua atribuição delimitada".

O pronunciamento de Sarney — gravado no fim da tarde de ontem no estúdio montado no subsolo do Palácio do Planalto e acompanhado pelos ministros Antônio Carlos Magalhães (Comunicações) e Aluísio Alves (Administração) será levado ao ar novamente hoje a partir das 12h40.